TATA RUMBE



Nkisi na África

UMA PESQUISA SOBRE NKISI NA ÁFRICA
SEUS COSTUMES E PRÁTICAS

2019

DADOS

*COSMOLOGIA KONGO

*MBUMBA: O MUNDO FÍSICO COMO CORPO, TORNANDO TANGÍVEL O INTANGÍVEL.

*A NATUREZA DOS MINKISI

*NGANGA: TORNANDO-SE UM ESPECIALISTA EM RITUAIS.

*IMAGINANDO E MANIPULANDO OS MINKISI

*CLASSIFICAÇÃO E VARIEDADES DE MINKISI

*MINKISI ANTROPOMÓRFICO

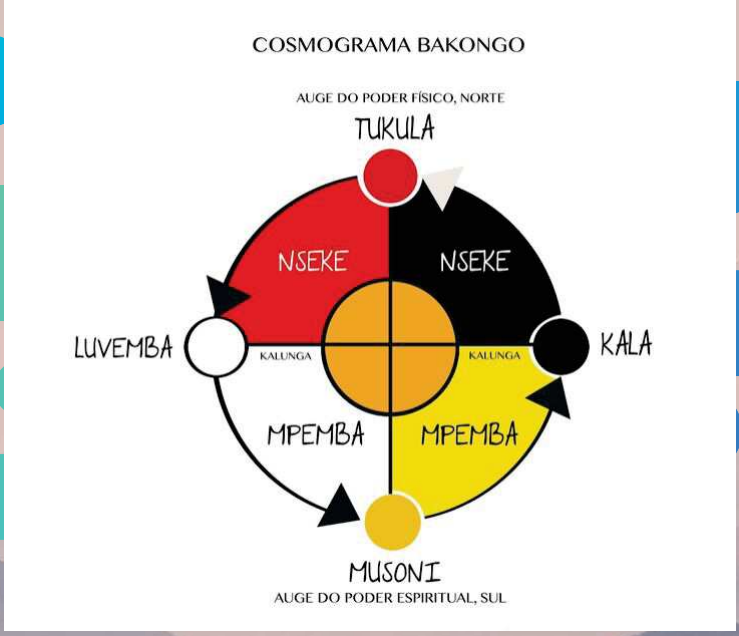
*FIGURAS DE ANIMAIS EM MINKISI

*MINKISI NÃO FIGURATIVO

Cosmologia kongo

A antiga religião Kongo foca na crença em dois reinos da existência, o invisível e o visível. O primeiro, o mundo espiritual, é o domínio do Deus Criador Nzambi bem como a classe mais antiga de ancestrais (bakulu) e vários espíritos (minkisi e bisimbi) - todos os quais exercem grande influência no reino visível habitado pelas criaturas como seres humanos, plantas e animais. Segundo Wyatt MacGaffey (um dos principais estudiosos da cultura e religião Kongo), “a terra dos mortos simplesmente inverte isso dos vivos. ”De fato, a terra invisível dos mortos é idêntica e, no entanto, oposta àquela dos vivos - próximos e distantes; cênico e ainda surreal, mas sem a dor e a desordem associada ao mundo visível.
Simplificando, a cosmologia de Kongo visualiza o universo como uma interface das dimensões materiais e imateriais da existência, o limite temporal e atemporal conectado pelo movimento do sol e ao mesmo tempo separado por um imenso mar conhecido como Kalunga. Como resultado, a lua da meia-noite no mundo visível dos vivos espelha o sol do meio-dia no reino invisível dos mortos, e vice-versa. Não só isso, a paisagem transmite muito mais do que aparenta, porque nela espreita seres invisíveis (especialmente almas desmaterializadas de ancestrais mortos) que interagem com a vida direta e indiretamente isso não é facilmente percebido pelo comum mortal.
A vida terrena é, portanto, uma manifestação do espiritual em formas materiais, tornando a morte não mais do que uma separação do espírito da matéria, com o espírito retornando ao reino do invisível, embora possa reencarnar de forma material e tangível no mundo físico de novo e de novo.

O cosmograma Kongo (dikenga) ilustra essa noção cíclica de existência . Embora tenha uma variedade de projetos relacionados que refletem interpretações individuais, a representação popular do dikenga está na forma de uma cruz equilateral com cada um dos quatro braços terminando em um disco circular representando o Sol e as dualidades recorrentes e frequentemente justapostas do universo e a passagem do tempo.



O dikenga pode, portanto, ser entendido como significando um universo tridimensional e cada elemento do diagrama representa uma área de espaço, tempo e energia no corpo mundo. Ele não apenas descreve os ciclos eternos do universo infinito, mas também as fases de vida pessoal ou comunitária.

O eixo horizontal representa a divisão dos reinos pela Kalunga, enquanto o eixo vertical não é uma barreira metafísica; ao contrário, alude as alturas e profundezas imagináveis do universo e o auge do desenvolvimento humano, o ápice de maturidade e sabedoria de um ndivíduo ou comunidade, vive ou morto.

O ponto onde os dois eixos se cruzam é a encruzilhada de forças contraditórias e complementares do universo, da vida e da morte, o material e o imaterial, o pessoal e o comum; é o eterno centro da roda da vida, a partir do qual a energia motivacional do universo irradia, animando todas as coisas Habitadas na Terra ao lado de humanos e animais era ou melhor entendidos como espíritos da terra que já foram ancestrais e, através da repetição do ciclo de vida e morte, tornou-se tão iluminado que eles foram capazes de derramar todos os vestígios de seu antigo eu material. Na opinião de Kongo, o mundo era metafisicamente mergulhado e cada esfera foi definida e controlada por seus habitantes espirituais. O céu, ou a dimensão de Nkadi Mpemba, era o domínio do distante criador Deus Nzambi e a classe mais antiga dos ancestrais, os poderosos, frequentemente violentos espíritos conhecidos como minkisi. Esses espíritos, associados com a criação da Terra e a fundação dos clãs Kongo, haviam perdido sua forma física e qualquer linhagem familiar rastreável através de numerosos renascimentos na terra dos mortos, expressando seu poder na forma de trovões,agua, raios e doenças. O mundo terrestre, Mbumba, abrigava bsimbi, os espíritos ancestrais benevolentes e travessos que não estavam tão longe quanto os remotos minkisi, mas haviam experimentado mais evolução do que os mortos recentemente. Esses espíritos mantinham laços com seu ex-clã e habitavam pedras ou lagos incomuns nesses territórios e, devido a isso, eram frequentemente considerados como espíritos da água pelo Kongo. Por fim, a terra dos mortos chamada Mpemba era um reino povoado pelos antepassados falecidos e bem lembrado (bakulu) e foi separado do mundo dos vivos pela linha Kalunga, muitas vezes visualizada como um oceano. Mais uma vez, essas dimensões eram apenas facetas do mundo natural, todos os seres espirituais, incluindo seres humanos, residiam no mesmo espaço que é a terra, embora em diferentes planos de existência.

Portanto, abandonado, pensava-se que as aldeias cobertas de vegetação nas profundezas da floresta eram as casas movimentadas dos bakulu, embora suas atividades diárias fossem invisíveis aos olhos dos vivos. Os mortos, Por outro lado, podia observar a vida de seus descendentes de sua posição sobrenatural e estavam preparados para dispensar sabedoria ou punição em tempos de luta humana. Portanto, apesar de seu poder político e riqueza substanciais, os reis de Kongo e as várias kanda(comunidades) e grupos kitome dificilmente eram as utoridades mais altas da terra; essa honra pertencia a a ntepassados falecidos. No entanto, nem todas as pessoas falecidas foram recebidas em Mpemba. Criminosos e elementos sociais desviados tiveram sua entrada negada e forçados a vagar pela terra como fantasmas de rua (bankuyu) que passavam o tempo assediando os vivos e cujos serviços poderiam ser recrutados por bruxos e outras forças do mal. Em outras palavras, os bakulu eram aqueles que viveram vidas honradas na terra antes de partirem para Mpemba ou para o futuro.



os bruxos eram uma figura de pavor terrível para o Kongo, e grandes tentativas foram através do uso de tipo de adivinhação “minkisi” para identificar e punir aqueles que secretamente prejudicaram os outros por algo. Como a maioria dos atos de bruxaria eram involuntários ou feito em extremo sigilo, a identificação dos bruxos que estavam prejudicando a comunidade através de suas ações seria muito difícil sem a ajuda do sagaz poderes espirituais dos mortos. O ritual mais notório a respeito da bruxaria foi o purgar (tornar puro; livrar-se de impurezas; depurar, purificar, limpar) o julgamento do veneno nkasa, no qual uma bruxa acusada recebeu um veneno vegetal que mataria ou adoeceria muito o indivíduo se o kundu maligno estivesse presente dentro do corpo, através de graves problemas gastrointestinais

Acomunicação foi possível através da imensa barreira de Kalunga, embora com graus variados de dificuldade, dependendo do poder espiritual de um indivíduo. Para humanos, ver e conversar com os mortos à vontade era predileção e talento de apenas uns poucos indivíduos que estavam próximos do mundo espiritual devido ao tempo de vida, ou que haviam disso selecionados por espíritos ou antepassados falecidos através de transes ou após serem iniciados em cerimônias. Para os antepassados, a comunicação com o mundo visível parece ter sido um pouco simples; eles foram acreditados para aparecer em uma forma espectral paraamigos vivos e eles também podem transmitir mensagens através de sonhos depois de receber uma solicitação no seus locais de sepultamento. Mesmo depois de sua morte física, as almas dos mortos ainda seriam muito presa por gostar de seus pertences antigos, que poderiam ser usados para se comunicar com eles. De fato, acreditava-se que os objetos usados ou tocados pela última vez pelo falecido estavam carregados com o conhecimento ancestral, além de atuar como canal de comunicação, e eram frequentemente colocados nas sepulturas para impedir que as almas ancestrais retornem à sua antiga residência para recuperar eles. Descendentes vivos poderiam visitar sepulturas para manusear esses objetos e, assim, beneficiar-se de seus poderes espirituais.

Mbumba: O mundo físico como corpo, tornando tangível o intangível.

No pensamento tradicional do Kongo, o mundo físico (Mbumba) é um corpo humano, manifestações animais, botânicas e topográficas tudo em constante dinâmica de mudanças causados pela passagem do tempo e uma variedade de riscos ambientais, bem como pelo desgaste e rasgo do processo existencial, visível e invisível. Neste sistema de crenças e sua mistura de forças benevolentes e malévolas, a única forma natural de morte é a única sancionada pelo Deus Criador Nzambi - isto é, a morte causada pelo fato de que alguém é físico o corpo não é mais capaz de funcionar corretamente devido à idade avançada. Nesse caso, a morte é uma bem-vinda libertação do trabalho da vida e, portanto, não é considerado um evento negativo. Mas se um homem morreu prematuramente ou enquanto seu corpo ainda estava em boas condições de funcionamento, independentemente da idade, suspeita-se algum tipo de jogo sujo ou bruxaria. Pois, como Simon Bookie coloca, “quase qualquer tipo de doença ou acidente pode ser atribuído a seres espirituais infelizes ou a seres dotados de poderes misteriosos para causar dano. ” Ao mesmo tempo, como mencionado anteriormente, o corpo representa apenas um aspecto da natureza complexa do processo existencial que combina o espiritual e o físico; para que a morte não seja o fim da vida, mas apenas uma separação do material, do eu imaterial. A crença do Kongo de que uma desmaterializada alma poderia reencarnar em um novo corpo os encorajou a usar representações artísticas para servir como equivalentes funcionais para o corpo e, assim, tornam o intangível tangível no mundo físico. É por isso que as esculturas (mintandi) seriam colocadas em túmulos para comunicar-se com antepassados falecidos ou criados com a finalidade de abrigar e influenciando os espíritos minkisi.
Dessa forma, as artes visuais constituem, por assim dizer, um corpo, é a mediação entre o mundo físico (Mbumba) e seu “Outro” espiritual.

A Natureza dos Minkisi

Embora se pensasse que os minkisi tivessem tendências malévolas, como causar doenças e morte, eles também deveriam usar seus poderes para proteger a humanidade do mal. Por isso, estavam associados à justiça social, punindo aqueles que violaram códigos morais estabelecidos. A cosmologia do Kongo traça a origem de minkisi a um numinoso (influenciado, inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade) conhecido como Funza ou Mpulu Bunzi, dependendo da região. Este sendo considerado como intermediário entre a humanidade e o remoto Deus Criador Nzambi e lançado forças potentes (minkisi) na paisagem para auxiliar os humanos em sua luta terrena. Funza / Mpulu Bunzi (que se manifestaram em raízes retorcidas, galhos deformados e a louva deus) ensinou aos primeiros humanos as receitas para criar medicamentos especiais (bilongo) para incluir / incorporar, ativar e manipular os poderes de vários minkisi e a história varia de acordo com a região, assim como a maioria dos aspectos da religião Kongo, mas uma anedota afirma que Funza / Mpulu Bunzi falou com um homem chamado Mukulu em um sonho e deu-lhe os ingredientes e procedimentos para aproveitar o poder de todos os minkisi, para que ele pudesse transmiti-las às gerações futuras com o propósito de curar e fazer leis.Outra conta e identifica o seguinte como o primeiro “medicamento de ingredientes ”(bilongo) prescritos por Funza / Mpulu Bunzi: (a) lusaku-saku - uma palheta para bênção (sakumuna) humanidade; (b) semwa - um medicamento para preservar a vida (semwa); c) nkan-dikila - um fruto da árvore por obrigar a humanidade a obedecer a certas leis e tabus (kandamene nlongo); e (d) tondi - um cogumelo para manter uma relação cordial entre minkisi e seus treinadores ou sacerdotes. Por causa de sua ênfase na cura, um ancião de Kongo Nsemi Isaki (que mais tarde se converteu ao cristianismo) define nkisi como o compor em outro para preservar a vida. Todo mundo é muito grato a minkisi por ajudá-los.

No território Yombe e Mpangu os gênios nkita e simbi compartilham entre esses dois domínios de acordo com um código de cores entre branco (água) e vermelho (Terra). Existem, portanto, quatro categorias de espíritos às quais associados no mundo humano uma série de ídolos sagrados desempenhando um papel ritual de liderança no território da área de kongo: gêmeos, albinos, anões, pessoas deformadas. Essa mitologia está articulada no grande ritual de iniciação kimpasi, em perigo. Além da iniciação, a comunicação com os espíritos da natureza (nkita e simbi) é normalmente a mediação de objetos mágicos (nkisi) e, aliás, pela posse.

O domínio tipicamente mágico desses espíritos contrasta com culto aos antepassados que define o domínio religioso apropriado. Poderíamos mostrar que rituais, mitos e crenças, incluindo bruxaria do mal se organizarem entre os Mpangu em um todo coerente que foi então estudado as transformações nas outras províncias culturais da área de kongo. Porque o sistema está longe de ser unificado. Mas não demorou muito para que descobrissem que o processo histórico de diversificação está trabalhando com certa lógica. O Oeste do domínio kongo (norte de do rio), entre os Yombe, a figura da serpente arco-íris Mbumba domina o mito cosmogônico. Nós poderíamos mostrar, no entanto, o ciclo de Nkenge é, em todos transformação, como já sugerido pela presença discreta de Mbumba no ritual kimpasi. A serpente do arco-íris, mestre das águas terrestres, conotante como peixe-gato a mudança de estações, introduzida no pensamento simbólico yombe um eixo vertical céu-terra que completa a distribuição espacial (ela mesma simplificada) de símbolos e nkita, respectivamente associados aqui com água e mato. A articulação dos dois sistemas que parecem originais histórias diferentes, uma nova informação é inserida: os gênios do nkisi nsi, ao quais os nkita estão subordinados.

Como uma epifania do Espírito da Terra (em oposição ao Espírito do céu), o nkisi nsi de uma região controla o poder “político”. Nesse sentido, chamou à atenção as mudanças semânticas do termo nkisi encontrado em outras formas no mundo Bantu para designar um aspecto eminentemente variável do sagrado. Nkisi significa no Yombe um lugar natural (uma rocha em geral), epifania de um governante invisível com quem o chefe contrata uma aliança; a mesma palavra às vezes se aplica a todos os espíritos da natureza enquanto estiver entre os Mpangu, ele sempre e exclusivamente designa um objeto artificial, fabricado pelo Nganga que se torna o mestre de um espírito. No Mpangu finalmente, a terra pertence aos antepassados, cuja adoração quase desaparece no país yombe. No Yombe, a serpente arco-íris, mediadora entre os “de cima e de baixo”, controle os ritos de passagem e proteja os guerreiros, garantindo assim um segundo tipo de mediação, entre fertilidade e violência. Esses dois termos se enquadram na definição do poder de uma política que pelo menos se afunda em bruxaria. Foi demonstrado que os Yombe compartilham essa concepção de autoridade com várias comunidades Bantu. Estamos participando também a uma nova distribuição dos Ídolos sagrados: o gênio de chuva suporta os gêmeos enquanto a cobra arco iris, seu adversário, preside a fertilidade normal; os albinos e pessoas com mal formação física espalhados no outro eixo simbólico: os primeiros são simbi, o segundo deve nkita ser cego ou com um só olho ou por ter suas pernas paralisadas.

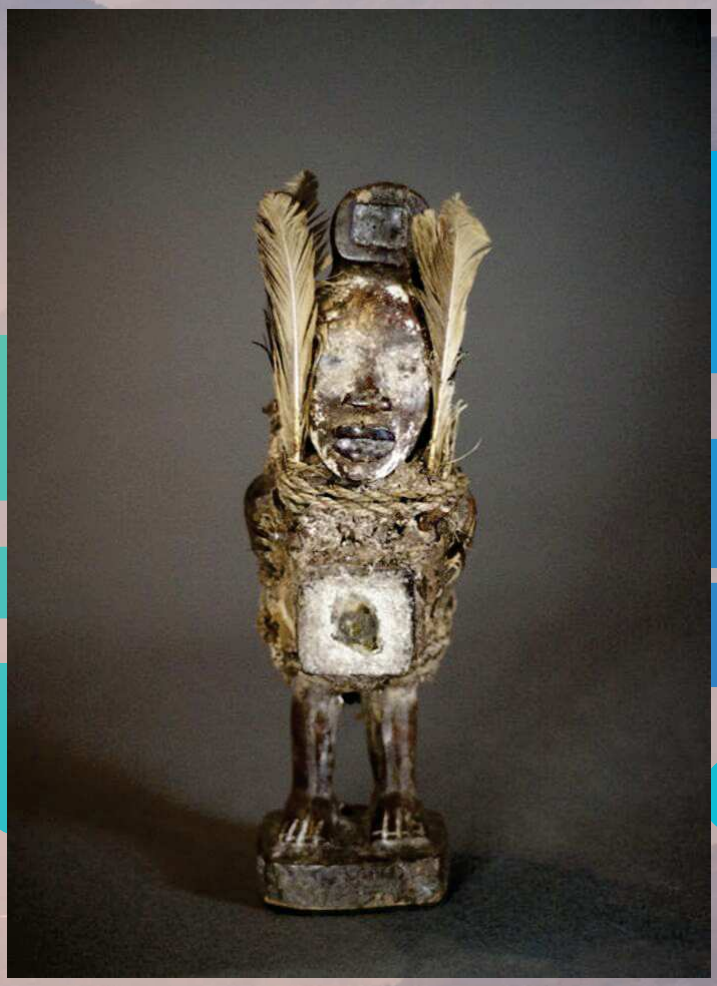
Nganga: Tornando-se um especialista em rituais.

A comunicação com o reino sobrenatural através dos minkisi requer especial atenção, treinamento e talentos extraordinários. Às vezes, um indivíduo, homem ou mulher, voluntariamente passou pelo treinamento na esperança de se tornar um especialista em ritual (nganga). Outros entraram a profissão seguindo os passos de seus pais, como resultado de problemas de saúde ou depois de experimentar uma visão ou sonho durante o qual um espírito em particular exigia serviços. Em resumo, ao se tornar um nganga, um indivíduo desenvolveu especiais habilidades ou o poderes sobrenaturais (kindoki) necessários para interagir com o mundo espiritual e para preparar medicamentos especiais (bilongo) para atrair um nkisi em um objeto de charme. Frequentemente, esse bilongo pode ser fechado ou preso a um saco, escultura, concha, cesto,cabaça, presa, cone ou colar, entre outros objetos.

Essa é a natureza complexa que outro observador nascido em Kongo, Kavuna Simon, descreveu ... Composto de terra, cinzas, erva e folhas, e de relíquias do morto. Eles são compostos para visitar ladrões, bruxas, aqueles que roubam por feitiçaria, e aqueles que abrigam poderes de bruxaria. Também para oprimir pessoas. Estas são as propriedades dos minkisi, para causar doença em um homem, e também para removê-la do homem. Destruir, matar, beneficiar. Impor tabus às coisas e removê-las. Olhar depois de seus donos e visitar retribuição sobre eles. O caminho de cada nkisi é o seguinte: quando você o compôs, observe suas regras para que não fique irritado e puni-lo. Não conhece piedade. Desnecessário será dizer, portanto, que os múltiplos e às vezes contraditórios, as funções de minkisi refletem a interconectividade das forças opostas no Kongo cosmos uma interconexão do dia e da noite, boa e má, vida e morte, sexo masculino e feminino, o visível e o invisível e o natural e supranatural também evidentes no cosmograma dikenga e seu movimento cíclico do tempo

Imaginando e manipulando os Minkisi

Enquanto a maioria dos objetos minkisi não é figurativa, sabe-se que um grande número possui formas humanas e animais. Nesses casos, um nganga (especialista em rituais) determinou como nkisi particular seria representado na escultura através da comunicação com o espírito. Depois disso, o nganga encomendaria um entalhador para produzir a imagem. Em outros momentos, o nganga simplesmente compraria uma imagem apropriada do entalhador que já sabia como esse nkisi deveria ser tradicionalmente representado, deixando uma cavidade (mooyo) em sua barriga, costas ou base para o nganga incluir a mistura medicinal(bilongo)



e essa cavidade seria selada com uma concha ou espelho. Algumas figuras podem ter uma segunda cavidade na testa para armazenar outro bilongo e pequenos sacos de remédios também podem ser anexado à parte externa da figura. Uma característica de um nkisi típico é que ele começa uma nova vida depois de sair da oficina do escultor, "crescendo" com o uso, pois o nganga atribui uma variedade de encantos e materiais orgânicos ao seu corpo para reforçar seu poder metafísico. Esse processo de adição de mais materiais para um nkisi é chamado npandulu. Através do acúmulo desses “Remédios” ou, bilongo no corpo (nitu) da imagem, o espírito residente (nkisi) é obrigado a responder positivamente ao comando do nganga através das instruções comunicadas no bilongo. E se este último for removido, o espírito deserta a imagem e o nkisi é considerado poluído (sumuka) . Segundo Nsemi Isaki, escrevendo em 1911, “… o nkisi toma os ingredientes medicinais; torna-se seu ser, suas mãos e pés, seus olhos; medicamentos são todos esses. Por esse motivo, o nkisi não tem remédio e está morto e sem vida.O missionário e etnógrafo de Kongo Karl Laman publicou uma lista dos “Medicamentos” comumente encontrados na maioria dos minkisi. Inclui o cogumelo (tondo), carvão (kala zima), resina luhezomo fossilizada, feijão calabar (ngongo) e a fruta luyala. E espera-se que os nomes desses itens tenham um impacto 'semiótico'(relativos) em um nkisi. Por exemplo, o nome da resina luhezomo evoca raios (mpezomo), portanto, metaforicamente, nkisi para atacar como um raio dos céus. A postura assustadora e facial a expressão de uma imagem nkisi pode refletir algumas de suas funções, como a ferocidade como espera-se repelir as forças do mal ou advertir elementos antissociais das consequências de suas ações.

Três tipos de bilongo podem ser encontrados em qualquer nkisi: (a) aqueles referentes incorporando as forças dos mortos através de material associado a seus restos mortais ou residência de outro mundo, (b) aqueles que utilizam metáforas verbais que relacionam o nome de uma determinada substância ao comportamento esperado do espírito em questão e (c) itens que fazem referência visual aos poderes benevolentes ou malévolos do espírito. Combinações desses medicamentos atraem e direcionam o espírito específico desejado pelo nganga. Em teoria, essas receitas eram prescrições precisas que não permitem desvio, embora substituições pessoais e regionais fossem comuns, principalmente quando os minkisi foram feitos por indivíduos não iniciados nas organizações de educação metafísica ou não familiarizados com os detalhes do processo. A argila branca ou caulim (mpemba) foi da maior importância na construção e consagração de um nkisi. Sendo o primeiro bilongo a ser preparado, enquadra-se nas três categorias de medicamentos descritas acima. A origem da margem do rio a argila coloca a substância em contato físico com o reino aquoso que separa o mundo dos vivos (Mbumba) e os dos mortos (Mpemba). O significado ritual do branco argila / caulino (mpemba) encontrado inserido em uma imagem típica de nkisi é claro: freqüentemente usado para delinear seus olhos, assim como os nganga, o giz branco conferiam visão psíquica, ligando o mundos físico e espiritual. Também incluído na maioria, se não todos os minkisi eram o solo do túmulo de um respeitado Individo. Pensa-se que este solo esteja carregado com os poderes espirituais do falecido. Relíquias ancestrais e pedras nos leitos dos rios tiveram implicações semelhantes, além de conectar o visível para o invisível. Recortes de cabelo ou unhas (mfunya) de uma pessoa viva podem ter a um nkisi, para fornecer proteção espiritual. A saliva ou fragmentos de roupas pertencentes as partes que prestam juramentoou
acordo podem ser acrescentadas para obrigá-las a honrar o contrato; de outra forma; os Minkisi puniriam os infratores ou traidores. Se lâminas ou pregos de ferro estiverem martelado na imagem, torna-se conhecido como Nkisi Nkondi. Uma das implicações desse tipo de nkisi é que as lâminas de ferro caçam aqueles que não conseguiram cumprir suas promessas. Quando conectado a alguns minkisi, objetos pessoais ou efêmeros. os materiais (mfunya) foram usados para investigar crimes e levar criminosos à justiça.

A eficácia de minkisi depende de vários fatores. À primeira vista, as muitas diferentes substâncias e apetrechos (medicamentos) anexados à figura parecem importantes. A maioria está associada a animais poderosos ou agressivos: há partes de corpos de leões, leopardos, cobras, abelhas ou aves de rapina. E existem os órgãos sexuais de crocodilos, terra das trilhas deixadas por elefantes e elementos humanos de pessoas com suicídios, feiticeiros, epiléticos ou gêmeos. Itens de regalia também podem ser incorporado às figuras, lembrando os atributos típicos do vestuário principal de um caçador. Nsemi Isaki, o catequista do Rev. Laman descreveu um nkisi em grande detalhe, enumerando-os muitos ingredientes combinados para fazer o nkisi: uma grande concha de caracol (kodi), argila branca que está associada aos mortos (mpemba), terra vermelha que também está associada com os mortos (nsadi), o pó das folhas de uma planta semelhante ao gengibre que nunca perde suas folhas e cujos frutos são de forma fálica (kitundibila) e sementes de abóbora, que representam bebês no ventre (mbika malenga). Este encanto destina-se a remover obstáculos que impedem o nascimento e permite que a criança atravesse o canal do parto facilmente. O charme é invocado como se fosse um ser animado: Os grupos étnicos no Congo que possuíam minkisi viam os objetos como "intermediários" e também com poderes que poderiam resolver problemas de natureza espiritual e material. Eles fizeram uma distinção entre a estátua (o objeto) como o recipiente dos medicamentos (bilongo) e os próprios medicamentos, que são considerados a parte efetiva. Acredita-se que os Minkisi possuem vida:
"Se não tivesse, como poderia curar e ajudar as pessoas?".
Se seguirmos algumas teorias, poderíamos dizer que:
“minkisi são agentes que causam eventos”.
A eficácia de um objeto com poder não depende do próprio objeto, mas sim do poder que lhe foi atribuído pelo nganga ou pelos participantes do ritual. Quando os medicamentos são coletados e anexados ao nkisi, que aos olhos do nganga ou do participante têm certa afinidade ou associação com a doença ou o problema estabelecido, eles facilitam a atribuição de um significado especial e, portanto, um poder especial ao objeto.

Classificação e Variedades de Minkisi

Os Minkisi são mais convenientemente categorizados como sendo “de acima” ou “de Abaixo ” devido à função, componentes materiais, personalidade, origem e em que opera, embora essas designações não são absolutas e muitos minkisi derivaram seu poder de ambos.

*Os minkisi de cima foi concedido mais respeito pelos BaKongo... Seus sinais incluíam raios, fogo, armas, animais ferozes, aves de rapina e a cor vermelha. As preocupações desses minkisi eram aquelas manutenções da ordem pública através da investidura de homens e chefes, a criação de tratados entre grupos independentes e a identificação e punição de criminosos... Os Minkisi de abaixo foram concedidos com os assuntos e a cura das mulheres; eles estavam associados ao frescor e a cor branca. Funções reprodutivas e doenças da parte inferior do corpo estavam entre as preocupações pelas quais estavam sendo invocados. As conchas do mar, frequentemente importadas para o interior, estão entre as seus sinais *

De acordo com MacGaffey em sua introdução a Art and Healing of the Bakongo, ancestrais e maus, fantasmas sem-teto, espíritos que não se enquadravam nas classificações de “de cima ”ou“ de baixo ”também foram incorporados aos minkisi, confundindo qualquer tentativas rápidas de classificação. Anteriormente, BaKongo era o título aceito para o grupo cultural em questão, mas recentemente, o termo preferido foi reavaliado e Kongo é a mais aceitável designação.

Em outras palavras, acredita-se que o “tipo de céu” os minkisi “ajudam o homem a adquirir riqueza, a defender-se das más ações dos outros, para combater as muitas manifestações de feitiçaria e manipular o mundo natural até o seu fim material. ” Quando usado com o melhor interesse da comunidade, esses minkisi são forças de “julgamento e punição (zengwa) ", identificando e disciplinando os membros da sociedade cujos ações egoístas afetaram adversamente o bem-estar do todo.

Outra classificação foi feita por Maes, que mostra a diferença entre minkisi:

Nkisi na moganga
(Nkisi para curar doenças)

Nkisi mpezo
(Nkisi que causa doenças)

Nkisi mbula
(Nkisi que protege chefes contra bruxaria)

E Nkisi Nkondi
(poderes que podem causar doenças graves e até morte em pessoas suspeitas de bruxaria e outros crimes, são os chamados fetiches de unhas).
Cada categoria é descrita brevemente abaixo.



Nkisi Na Moganga

Esta categoria consiste em pequenos objetos (o maior tem cerca de 20 cm de altura), às vezes como uma figura humana como peça central e muitas vezes composta de materiais naturais (cabaças, conchas, fibras e etc...). Segundo Maes, esses minkisi na moganga são de propriedade particular e são colocados em suas casas ou em suas fazendas para proteger suas propriedades e colheitas contra roubo. Alguns desses objetos podem ser usados no corpo para proteção e tanto homens quanto mulheres têm seus próprios objetos com poder. Os homens chamam esses minkisi para garantir que sejam bem sucedidas as atividades de caça e comércio, enquanto as mulheres as consultam sobre fertilidade, saúde, parto seguro e quando procura um marido. Os nkisi menores são baratos, são comprado em um mercado ou de alguém que os fabrica, pois esses não precisa de nganga ou grandes rituais elaborados. Lutete de Lolo, um dos informantes de Lamã, escreveu sobre um nkisi: chamado Lubangala que está atualmente no Museu de Etnografia de Estocolmo: paguei 50 centavos por isso. É só Cavar um buraco no chão, colocar em argila branca o vaso de sementes kyala mooko e o chifre do antílope nsuma. Isso pode curar problemas oculares.

Nkisi mpezo

A palavra mpezo refere-se à cal com que os recipientes para medicamentos (bilongo) estão cobertos. Esses objetos não são chamados a causar a morte de alguém, mas sim fazer com que o outro fique doente e sofra muita dor. O que é típico para minkisi nganga mpezo é a lasca de algodão ao redor da cabeça no qual as penas estão presas, provavelmente como uma referência ao cocar usado por um nganga durante cerimônias rituais.

Nkisi Mbula ou Nduda

A principal responsabilidade desses objetos com poder é proteger seus proprietários, geralmente pessoas poderosas como chefes e anciãos - contra pessoas más. Minkisi mbula são representado com armas ou atributos que se assemelham a eles. O elemento constituinte ou atributo destes e de outros minkisi do Baixo Congo é o recipiente com o bilongo (medicamentos), que em muitos casos é coberto com um espelho. O fato de o vidro ser usado dá origem à ideia de transparência. De fato, e diz-se que o nganga pode olhar através do vidro e identificar ('ver') as pessoas más (bruxas) que são uma ameaça para o cliente. Uma explicação diferente foi dada em 1907, quando uma pessoa com más intenções se aproxima do nkisi e vê seu rosto refletido no espelho, ele vai sentir medo e fugir. Esta versão ainda é dada a quem olha sobre o espelho hoje.

Nkisi Nkondi

O termo nkondi significa caçador (konda: caçar). Dizem que esses minkisi caçam bruxas, ladrões, adúlteros e outros criminosos à noite. Minkisi nkondi são geralmente figuras altas (entre 60 e 120 cm), com uma postura aterrorizante, aparência agressiva, punho levantado e corpos cheios de pregos e lâminas de ferro. Os números são de propriedade do banganga e consultados por moradores que se envolvem em um conflito social. Alguém que está preocupado que possa ser vítima de bruxaria, que foi roubado ou cujo parceiro se tornou vítima de adultério procurará ajuda de um nganga Nkondi. Durante uma consulta ritual, ele pedirá ao nganga para acertar a figura de nkisi Nkondi com pregos ou laminas que, por sua vez será ativado e caçará condenar o criminoso e causar-lhe dano ou até morte. Esses minkisi nkondi eram politicamente instrumentos eficazes que ajudaram o povo da costa do Loango a resistir a aquisição europeia do comércio nos primeiros anos do século XX. Funcionários do governo e os missionários instipularam que esses 'fetiches' seriam melhor que fossem todos destruídos se eles quisessem ter sucesso em seu trabalho. ‘Os missionários por sua vez os queimaram ou os levaram como prova de um paganismo destruído; comandantes militares tambem os capturaram porque constituíam elementos de uma força política oposta a deles.

Nkisi antropomórfico

Talvez os exemplos mais populares dos minkisi "de cima" sejam aqueles que resumem as virtudes masculinas da “ira, força e coragem”. Chamado Minkisi Minkondi (singular, Nkisi Nkondi) e muito popular nas coleções ocidentais por causa de sua surpreendente aparência, são facilmente reconhecidos pelas unhas, lâminas ou outras lascas de metal (mbau) inserido no tronco, membros e cabeça da figura de madeira esculpida. Muitas vezes, na forma de um homem e, às vezes, próximas do tamanho natural, a maioria deles assume uma postura assertiva, proclamando seu poder formidável através de uma expressão facial feroz e um gesto corporal agressivo, geralmente de braços armados . Esta pose do Nkondi pode ser lida como o gesto simbólico de pakalala de Kongo, que comunicava ao espectador que os minkisi estavam pronto para aceitar um desafio. O Nkisi Nkondi também pode ficar com a mão esquerda apoiada no quadril e com o braço direito levantado, empunhando uma faca ou lança na mão, pose de lwimbanganga, um gesto que “indica que a imagem da lâmina sempre fica entre duas forças opostas, vida e morte, bondade e mal, as forças que constroem e as forças que destroem. Em resumo, acredita-se que um nkondi nessa pose tenha potencial para resistir / desafiar qualquer poder. ”Embora comuns, esses aspectos visuais não são encontrados em todos Minkisi Minkondi, uma vez que os atributos definidores de qualquer nkisi eram a função do objeto e o comportamento do espírito incorporado, conforme dirigido pelo bilongo e não pela real forma esculpida.O termo nkondi faz eferência ao papel da figura como caçador de indivíduos que quebram pactos ou prejudicam a comunidade através de bruxaria ou crimes hediondos. O principal objetivo da aparência ameaçadora era intimidar potenciais infratores, lembrando-os da reputação temível do espírito

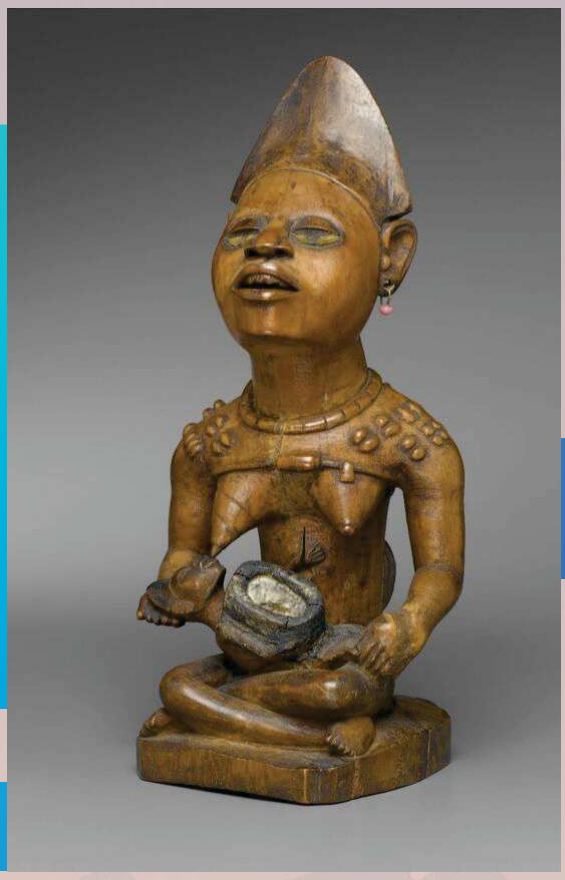


Agitado em ação através das unhas enfiadas em seu corpo, o Nkisi Nkondi procuraria a parte culpada e lhe causaria uma doença grave para que ele pudesse ser identificado pela comunidade. As unhas também poderiam servir como ocumentação de acordos e tratados formais; as partes envolvidas foram obrigadas a lamber e jurar pelas unhas e depois as martele no corpo dos nkisi. Em alguns casos, uma peça de roupa de uma pessoa seria anexada ao nkisi para estabelecer um método metafísico e conexão entre esse indivíduo e um determinado espírito, de modo que, se o pacto fosse quebrado, o nkisi poderia punir quem estivesse em falta. Outro exemplo nesta categoria, o Nkisi Nduda, se assemelha ao Nkisi Nkondi em forma e personalidade, mas de tamanho menor. Geralmente, possui um espelho grande no compartimento para medicamentos anexado ao abdômen e uma touca imponente de penas aplicada à cabeça, que referenciava a capacidade violenta de caça de aves de rapina e alinha esse nkisi com os que estão acima.



Em alguns exemplos, argila vermelha e branca delineiam os olhos, uma alusão (como mencionado anteriormente) à capacidade do espírito de enxergar além do visível. Bastante frequente, a figura tem uma mão levantada para a boca, segurando um galho que parece morder ou mastigar. Alguns estudiosos identificam o galho como um ramo do nkasa, um veneno de uma planta usada em rituais de adivinhação para identificar bruxas, ou a videira munkwiza, planta usada durante a investidura dos chefes. Imagens especificamente femininas (Minkisi Phemba) estão na categoria "de baixo" e espera-se que promova boa saúde, fertilidade e entrega segura de crianças. Outros estão envolvidos em rituais funerários, esculpido delicadamente para retratar os ideais do Kongo, beleza feminina, essas estátuas têm a forma de mulheres, muitas vezes segurando uma criança, e suas superfícies polidas e lisas geralmente não apresentam ofertas incrustadas. A madeira polida na superfície permite a documentação detalhada das marcas de beleza na cultura Kongo, incluindo dentes arqueados em um ponto agudo, penteados régios e escarificação elaborada em todo os seios e tronco.





Os compartimentos dos medicamentos são geralmente menos evidentes do que nos minkisi “de cima”, estando discretamente localizado na parte de trás da cabeça, estômago ou base da figura. O rosto da figura é geralmente calmo, exemplificando os ideais do Kongo da beleza feminina, generosidade e paciência. Existem outros minkisi que foram esculpidos em forma feminina, embora sejam considerado anônimo, pois o nome específico do espírito incorporado se perdeu no tempo. Estes são minkisi "de baixo" também; a designação é aparente devido, não apenas a sua forma feminina, mas a inclusão da concha em espiral de um caracol (zinga), um símbolo de vida longa. Isso também pode conectar esses minkisi anônimos aos amantes da água bisimbi, que se pensava causar doenças como epilepsia e também poderia ser investido em um nkisi.

Figuras de animais em Minkisi

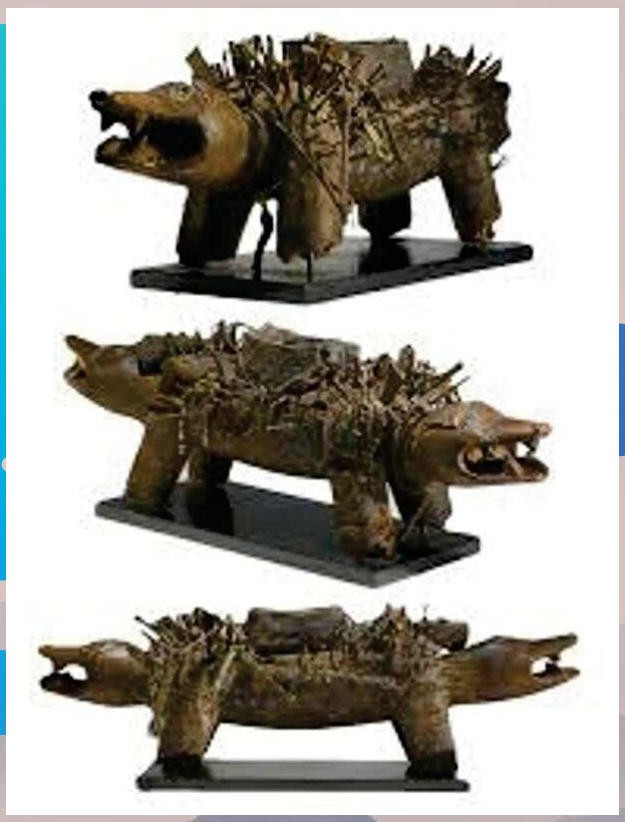
Os minkisi esculpidos na forma de animais geralmente são bastante semelhantes aos Mikisi Nkondi e ao Nkisi Nduda, exibem pregos de ferro e lâminas afiadas de metal no corpo, exceto que eles assumem a forma de um animal, como crocodilo, cavalo, macaco ou cachorro. Como os outros minkisi “de cima”





o Nkisi Kozo em forma de cachorro faz referência ao ato de caçar, pois “cheira os mambu (problemas) como um cão de caça” e “Segue o caminho de um inimigo por meio de seus sentidos.” O motivo do cão é popular em parte por causa de sua conexão percebida com a terra dos mortos e sua devoção à humanidade.





Muitas vezes, o Nkisi Kozo tem duas cabeças para enfatizar os dois reinos de existência e assim como esse objeto tem duas cabeças, pensava-se que o cachorro (em geral) tivesse dois pares de olhos, um observando o mundo dos vivos e o outro, o mundo invisível dos espíritos. Também se acreditava que este canino tivesse a capacidade de viajar sem esforço entre o dois reinos, atuando como intermediário entre os spíritos e os nganga e entre os seres “De cima” e aqueles “de baixo”. Ameaçador na aparência devido à exposição dos dentes, protegia aqueles que invocavam seu poder, como um animal de estimação leal, e também foi empregado para fins de cura e aplicação da lei.

Minkisi não figurativos

Embora grande parte do foco acadêmico e curatorial no ocidente tenha sido direcionado em direção ao minkisi figurativo, que pode ter constituído apenas parte de um “material mais complexo”, a grande maioria dos minkisi protetores e curativos usados pelas pessoas do Kongo usualmente estavam na forma de recipientes, como sacos, trouxas e panelas. Eles eram muito menores e mais baratos que os grandes minkisi figurativos; consequentemente e frequentemente negligenciada em livros de história da arte e coleções de museus. Esses tipos de minkisi também foram usados como ferramentas de adivinhação, justiça e, o mais importante, cura e havia como muitos minkisi aglomerados de sintomas considerado como doenças… na nosologia (ramo da medicina que estuda a classificação das doenças) do Kongo. Um bom exemplo de um estilo não antropomórfico nkisi frequentemente usado para adivinhação é Mbundu, nomeado após a casca venenosa da árvore Mbundu incluída em seus medicamentos. Foi chamado Mbundu "porque diz a verdade" e o próprio objeto consiste em redes e sacos de ráfia cheios do bilongo “usual”, bem como do cacto diiza, casca de nkasa e um pequeno prato de madeira preso aos feixes. Foi empregado para resolver sérias divergências na comunidade, quando os ingredientes dos pacotes seriam usados pelo nganga para inventar uma poção que ele teria bebido na presença das partes rivais. Um delegado de uma das partes juraria o nome de Mbundu que seu lado estava sendo sincero e, se não, deixe que os nkisi impeçam o padre de urinar durante o ritual. Depois que o outro lado fez um juramento ao contrário afeto, o nganga dança até o momento da verdade, quando invocaria os minkisi e tenta se aliviar na presença de todos os envolvidos. Se ele foi capaz de fazer, o acusado teria sido justificado e o assunto resolvido. Para nutrir um ressentimentoou levantar a questão novamente era incorrer na ira dos minkisi.

O Nkita Nsumbu é outro nkisi não figurativo popular. Usualmente mantido em um saco, foi empregado para curar furúnculos e inchaço corporal em mulheres, pensado para ser causado por pedras e lâminas atiradas à vítima pelo espírito simbi Nkita



Uma dissecação(exame ou consideração minunciosa) de um nkisi nesta categoria por Robert Farris Thompson revela que ele ocultava muito mais do que sugeria sua simples aparência. Dentro da sacola havia caulim, nozes, sementes, conchas, ovos, giz, garras, cristais de quartzo, flores, pulseiras e uma lâmina de faca. Em geral, os minkisi refletem a natureza complexa e esotérica do universo Kongo em que os vivos e os mortos, o visível e o invisível, o material e o etéreo interagem no tempo e no espaço.. À medida que a cultura e religião indígenas de Kongo mudavam em resposta as Influências do cristianismo e da educação ocidental, os minkisi passaram por uma transformação correspondente.

Agora, eles não apenas incorporam novos elementos, como cadeados e objetos de plástico, além da parafernália católica, muitos deles foram removidos da África e agora é exibido em museus de todo o mundo para serem admirados como "arte por arte", apesar de terem sido originalmente criadas como uma espécie de "arte por vida" como resultado do comércio transatlântico de escravos, milhares de pessoas do Kongo e descendentes foram levados à força para o “Novo Mundo” para trabalhar entre os séculos quinze e dezenove. Alguns cativos do Kongo os recriaram e recontextualizaram os Minkisi nas américas e alguns tentaram aproveitar seus poderes para sobreviver às dificuldades e incertezas da escravidão.

TATA RUMBE

2019



Alguns dados de pesquisas.

Bunseki,
Fu-Kiau. African Cosmology of the Bantu-Kongo: Tying the Spiritual Knot

---

Bockie, Simon. Death and the Invisible Powers: The World of Kongo Belief. Bloomington:

From Idol to Art - Harry M. Leijten
African ‘objects-with-power’:
a challenge for missionaries,
anthropologists and museum curators

Bey, Dawoud. "In the Spirit of Minkisi: The Art of David Hammons." The Third Text, Critical Perspectives on Contemporary Art and Culture, Volume 8, Issue 27

Berzock,
Kathleen B. "Power Figure (Nkisi Nkondi)." Art Institute of Chicago Museum

---

Arnett, Paul. “Root Sculpture: Tornadoes Inside Eggs.” In Souls Grown Deep: African American Art of the South, Volume One: The Tree Gave the Dove a Leaf, edited by

---

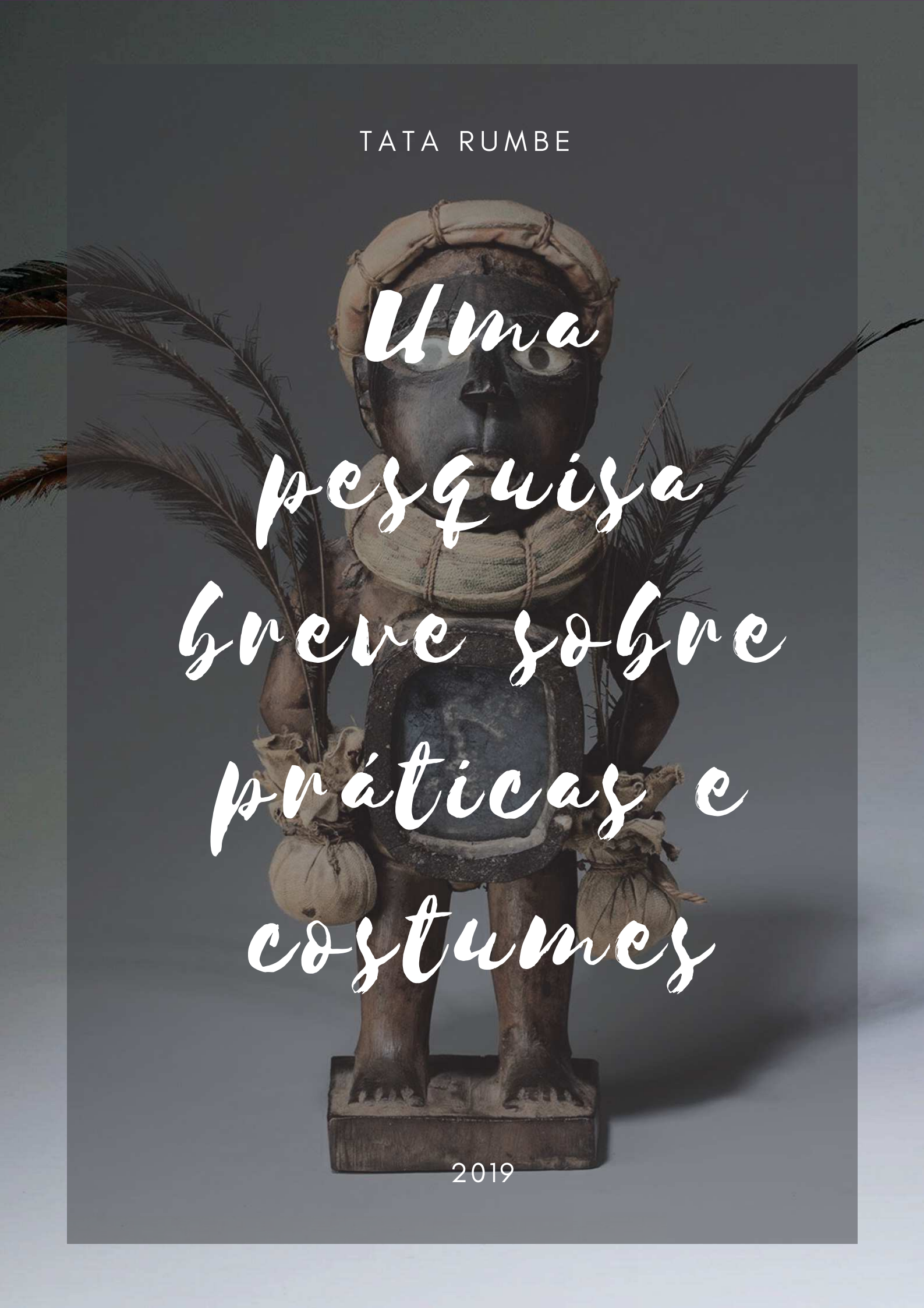
Paul Arnett
and William Arnett. Atlanta: Tinwood Books, 2000.

MARY MARGARET MCCURNIN
Bachelor of Fine Arts, University of North Texas, 2005

---

art
and healing of bakongo by Wyatt MacGaffey

TATA RUMBE



Uma pesquisa breve sobre práticas e costumes

2019